

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| Prefácio à oitava edição | 11 |
| Prefácio à primeira edição | 15 |
| Apresentação à oitava edição | 19 |
| Apresentação à primeira edição | 23 |
| 1 – A busca do significado | 25 |
| 2 – Pressupostos filosóficos | 39 |
| Gestalt-terapia e humanismo | 41 |
| Gestalt-terapia e existencialismo | 48 |
| Gestalt-terapia e fenomenologia | 63 |
| 3 – Teorias de base | 97 |
| Psicologia da Gestalt | 97 |
| • O todo e a parte | 104 |
| • Figura e fundo | 108 |
| • Aqui e agora | 115 |
| • Conceitos descritivos | 121 |
| Teoria de campo de Lewin | 140 |
| Teoria organísmica de Kurt Goldstein | 157 |
| 4 – Antecedentes pessoais | 167 |
| Psicanálise | 168 |
| Wilhelm Reich | 170 |
| Religiões orientais: taoísmo e zen budismo | 182 |
| Posfácio | 195 |
| Referências bibliográficas e outras obras importantes | 199 |

PREFÁCIO À OITAVA EDIÇÃO

Apresentar a oitava edição do livro *Gestalt-terapia: refazendo um caminho* é uma grande honra e um grande prazer. Tenho por esse livro um apreço especial, pois foi ali que encontrei, no princípio da minha formação, a Gestalt-terapia, uma proposta de psicoterapia fundada nas bases filosóficas da fenomenologia e do existencialismo, que tanto me haviam encantado logo no início do curso de Psicologia. E então descobri que ali, no antigo Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília, onde eu estudava, lecionava o autor do livro, que seria meu eterno mestre, o professor doutor Jorge Ponciano Ribeiro. Com ele, dei a maior parte dos meus passos nos caminhos da Gestalt-terapia. Com ele, segurando um cajado de madeira que me havia dado de presente, aprendi, durante a minha formação, a caminhar pelas trilhas do cerrado do Planalto Central, percorrendo caminhos, ouvindo, cheirando, olhando, sentindo, desafiando meus medos, integrando-me, fazendo-me presente, sentindo-me parte do campo e resgatando o sagrado da vida no seio da natureza.

Com base nos ensinamentos do professor Jorge e dessas experiências, compreendi que a Gestalt-terapia é uma proposta de psicoterapia fundada na totalidade organismo-ambiente, que propõe uma ecologia do ser. Assim, a primeira frase que me veio à cabeça quando iniciei a criação deste texto foi: o caminho se faz caminhando. O verbo no título do livro de

Jorge está no gerúndio, indicando, ao modo gestáltico, uma ação em curso, a ação de caminhar. Jorge se põe na experiência de buscar ele mesmo caminhar pelas pegadas constitutivas da Gestalt-terapia, refazendo um caminho, um caminho no Brasil da década de 1980.

Em 1985, data da publicação da primeira edição deste livro, a Gestalt-terapia brasileira tinha em torno de 15 anos e já desejava trilhar caminhos próprios. Naquele momento, vivia uma espécie de crise e buscava construir referenciais que dessem a ela uma identidade, um lugar no campo das psicoterapias e na academia. Como o próprio autor afirmou a esse respeito, “faltava uma unidade de pensamento que pudesse representar a Gestalt-terapia, mal entendida e compreendida nos seus primórdios, sobretudo por seu caráter centrado no aqui e agora, como uma teoria séria e epistemologicamente embasada”.

Ao escrever este livro, Jorge oferece um referencial fundamental, que cria a unidade de pensamento da qual a Gestalt-terapia carecia naquele momento, consolidando uma estrutura teórico-filosófica, uma configuração das suas bases epistemológicas. Ocupado com o rigor, pesquisador que é, busca trilhas que ofereçam a construção de uma epistemologia da Gestalt-terapia. Fundado na experimentação, Gestalt-terapeuta que é, não busca refazer o caminho, mas mergulha na experiência refazendo um caminho, postura que nos alerta, numa visão merleau-pontyana, para os perigos de um trabalho filosófico que se funde apenas na reflexão e busque compreender nosso vínculo natal com o mundo por uma análise somente constitutiva, perseguindo uma gênese.

O filósofo propõe buscar o segredo do mundo no contato com o mundo, de dentro dele. E é a partir da experiência de habitar o mundo da Gestalt-terapia que Jorge refaz um caminho.

Olhando para trás e para os lados, mas sobretudo para a frente e para cima, caminhante que é, Jorge percorre e constrói trilhas. E ao mesmo tempo nos guia, nos convida a caminhar ao seu lado. Como o caminho de Santiago de Compostela, que atravessa os campos dissolvendo fronteiras e traçando linhas às vezes quase invisíveis, conectando caminhos franceses, espanhóis, portugueses – que Jorge por três vezes percorreu –, o mestre, peregrino que é, atravessa os campos gestálticos. E descobre marcos que sinaliza com setas, pedras, cartografando a Gestalt-terapia, uma vez que Jorge, mais que percursos históricos, busca mapear as forças presentes, em um exercício inventivo que se dá a partir dos processos em andamento.

Partindo da vivência mesma dos primeiros fazeres gestálticos no Brasil, Jorge nos indica seis principais marcos, que põe em diálogo com a teoria e a prática da Gestalt-terapia. Para cada um, uma cor, uma pedra colocada uma sobre a outra, que, como as inúmeras esculturas que ele encontrou no caminho, constituem totens. No caminho de Santiago de Compostela, os totens são sinalizadores, e Ponciano os constrói aqui, empilhando pedras e se constituindo no primeiro autor a sistematizar as teorias e filosofias de base da Gestalt-terapia – psicologia da Gestalt, teoria de campo, teorias organísmica e holística, humanismo, existencialismo e fenomenologia – neste livro que mapeia e discute os elementos que sustentam a teoria e a prática dessa abordagem. Mapa que se tornou leitura obrigatória e base para grande parte dos cursos de formação em Gestalt-terapia no Brasil.

Jorge assume, ao discutir os pressupostos filosóficos, o projeto de construir uma proposta psicoterápica do ponto de vista existencial-fenomenológico e, pioneiro, se lança no desafio de buscar uma primeira aproximação da Gestalt-terapia com as

ideias de Sartre, Heidegger e Husserl, de modo complexo e ao mesmo tempo em linguagem acessível ao leitor. Acende assim a primeira fagulha do fogo que não mais se apagou e mantém vivo no Brasil o diálogo da Gestalt-terapia com a fenomenologia. Diálogo esse que contribui para dar visibilidade e afirmar a qualidade teórica da Gestalt-terapia brasileira.

E, como o caminho se faz caminhando, Jorge nos brinda com mais uma edição – a oitava – que celebra uma espécie de jubileu de prata também de sua carreira como escritor. Tendo publicado oito livros na área, orientado, ao longo de mais de 30 anos na Universidade de Brasília, inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado, fundado institutos e formado Gestalt-terapeutas por todo o Brasil, Jorge construiu uma obra que se constitui em um legado importantíssimo tanto para a Gestalt-terapia brasileira quanto para a comunidade gestáltica internacional. Este primeiro livro é um roteiro do caminho para o peregrino, aquele que viaja, buscador, disposto a empreender uma jornada pelos caminhos da Gestalt-terapia. Como todo bom guia, dá indicações, descreve os lugares mais importantes, as possibilidades. Como um bom livro, mostra mais do que narra, instigando e convidando o viajante-leitor a explorar os lugares, vivendo novas experiências – modo de estar no mundo característico desse escritor e educador que prima sobretudo pelo incentivo à autoria e à liberdade para criar.

Rio de Janeiro, janeiro de 2012.

Mônica Botelho Alvim

Gestalt-terapeuta

Doutora em Psicologia e professora adjunta da
Universidade Federal do Rio de Janeiro

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Jorge honrou-me com o pedido para que prefaciasse o seu livro, sabedor que é de como me sinto ao ver a Gestalt-terapia ser abordada como se fosse um grande sótão flutuando no espaço sem o suporte dos seus alicerces, colunas, paredes etc.

Algumas técnicas e, pior, truques sendo confundidos com o todo da Gestalt e, em consequência, sendo misturados com quase tudo que se faz em psicoterapia, supersimplificando e macaqueando a grande “descoberta” de Fritz.

Como “o Diabo gosta de atalhos” (Laura Perls), gostamos de aprender as eficazes técnicas da Gestalt e julgar que podemos utilizá-las sem sequer atentar para a existência dos seus profundos fundamentos, e muito menos ainda esquadrihá-los, examiná-los um a um, exaustivamente.

Assim, quando alguém se propõe a ter disposição, fôlego e ousadia para iniciar tamanha tarefa entre nós, nos congratulamos, ficamos felizes e achamos que o trabalho pioneiro de divulgação da Gestalt que estamos fazendo no Brasil, há quase uma década, está valendo a pena. Foi dito iniciar não apenas pela vastidão do projeto que é examinar uma proposta de ação psicoterápica, a teoria psicológica que a sustenta e mais a visão do ser humano, a teoria do ser, a fenomenologia que está por baixo ou aquém do nosso trabalho, dando-lhe sustentação e sentido. Não apenas por isto, repetimos, como pela própria

natureza da Gestalt de ser um caminho, um modo de ser e de refletir; logo, jamais podendo ser um produto acabado, pronto, como qualquer outra abordagem fenomenológica do homem, do seu mundo, dos seus problemas e da forma de enfrentá-los.

Fecundada na Alemanha nazista, filha que é de judeus alemães, Frederick (Fritz) e Laura Perls, teve sua gestação na racista África do Sul e finalmente nasceu, deu seus primeiros passos e ainda tem a sua principal sede de desenvolvimento nos Estados Unidos, onde sua genitora, Laura, continua viva e influente¹. Quanto a Fritz, sabemos que estava fundando uma Comunidade Gestáltica no Canadá quando faleceu em 1970.

Os gênios do irrequieto Fritz e da culta Laura foram fortemente influenciados não apenas por essa peregrinação em busca da liberdade, o que por si só parece tê-los levado a profundas reflexões sobre a condição humana, mas também pelos principais movimentos culturais da primeira metade do século, notadamente os de cunho humanista, para finalmente chegarem à “descoberta” (como eles dizem) da Gestalt-terapia, nome discutido e certamente insatisfatório para designar uma filosofia, uma teoria psicológica e uma forma de ação.

O caminhante Jorge foi até os pontos de partida desta grande jornada e refez a trilha dos Perls, fazendo a sua própria, sabendo que existem outros caminhos. Este livro é a sua trilha para entender, colocar e refletir os fundamentos da Gestalt-terapia; “longa e complexa”, por isto demorada, profunda e perigosa.

Esperamos que o exemplo do Jorge floresça, e mais e mais estudos e reflexões apareçam, a fim de que o nosso edifício surja

1. Laura Perls faleceu em 1990. [N.E.]

em toda a sua plenitude e deixe de parecer aos menos avisados, por omissão nossa, esse sótão flutuante, esse conjunto de técnicas e truques aplicados indiscriminadamente por não terem sido mastigados, digeridos e muito menos assimilados à luz da teoria que lhes dá sustentação.

Brasília, 9 de junho de 1984.

Walter F. R. Ribeiro

APRESENTAÇÃO À OITAVA EDIÇÃO

Caros leitores,

Escrever *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*, há 27 anos, foi responder a um apelo teórico de dar à Gestalt-terapia e à abordagem gestáltica um rosto, uma configuração, uma visibilidade que permitisse aos profissionais brasileiros fazer uma opção real por uma teoria que estava apenas nascendo na comunidade acadêmica brasileira.

Naquela época, havia, aqui e acolá, profissionais “avulsos”, isolados, falando de um novo modo de ser, de estar psicoterapeuta, de ver a pessoa não como paciente, mas como cliente, de ver a saúde das e nas pessoas e não apenas os sintomas, de afirmar que processos resistenciais eram formas de autorregulação orgânica, eram ajustamentos criativos, de colocar o contato como instrumento básico da relação cliente-psicoterapeuta.

Eu era, então, professor da Universidade de Brasília (UnB), na qual trabalhei por alguns anos, e me encontrei com a “novidade da psicoterapia da Gestalt ou com a Gestalt-terapia”, como passou a ser chamada no Brasil, mas não encontrava ali informações sólidas, reunidas em um campo teórico consistente. Havia informações salpicadas aqui e ali, conceitos teóricos falados, mas pouco explicados. Alguns livros em inglês sobre o tema, uns poucos já traduzidos para o português falavam da

Gestalt clínica ou da Gestalt-terapia, referindo-se, de maneira isolada, ao que, posteriormente, chamei de teorias e filosofias de base da Gestalt-terapia.

A falta de um campo teórico, epistemologicamente visível, discutível, abrangente me levou a um ambicioso projeto de pesquisa: escrever um livro sobre a epistemologia da Gestalt-terapia e da abordagem gestáltica que desse a ela um esboço teórico, um campo teórico academicamente sólido e demonstrável.

Muitos anos se passaram. Hoje a Gestalt-terapia no Brasil e do Brasil fez longas caminhadas, construiu um caminho respeitável, com teses de doutorado, dissertações de mestrado e trabalhos de especialização, institutos de alta qualidade, livros publicados e milhares de psicólogos gestaltistas fazendo da Gestalt-terapia e da abordagem gestáltica uma linha mais respeitada no Brasil, com dezenas de faculdades nas quais a Gestalt-terapia já aparece como disciplina optativa.

Tenho certeza de que a produção teórica da Gestalt-terapia no Brasil de hoje é uma das melhores da comunidade gestáltica internacional.

Esta edição comemorativa das “bodas de prata” de *Refazendo um caminho*, que teve quase 24 mil exemplares publicados, é o maior elogio que se pode fazer à beleza, à estética, à congruência interna da abordagem, às bases teóricas da Gestalt-terapia, ao senso crítico e à capacidade de escolha de nossos psicólogos, ao futuro da abordagem que está entrando na sua idade adulta e promete aos vindouros a certeza de uma longa caminhada em um mundo novo, que escancara suas portas a todos aqueles que querem correr o risco de fazer de sua estrutura teórica sua opção de escolha.

Refazendo um caminho continua refazendo um caminho, agora com a publicação do meu último livro, recém-lançado pela Summus, *Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia*, cuja

ideia central é, de um lado, demonstrar que a Gestalt-terapia tem um campo teórico epistemologicamente consolidado, e, de outro, deixar clara nossa proposta de trabalho dentro dos princípios e da linha da fenomenologia existencial.

E eu, chegando aos 80 anos, continuo refazendo o meu caminho pessoal e teórico, porque tenho certeza de que, mais do que “o caminho se faz caminhando”, o caminho constrói o caminhante.

Quero, nesta contínua construção desse outro, desse pensar inacabado que mora em mim, agradecer a VOCÊ que me ensinou o caminho do diferente, que me faz reolhá-lo, refazê-lo, me permitindo contribuir para a constituição e construção de uma Gestalt-terapia com corpo teórico e prática clínica com rosto e feições brasileiras.

Brasília, 10 de fevereiro de 2012

Jorge Ponciano Ribeiro

APRESENTAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Este livro corresponde a uma preocupação acadêmica que, há vários anos, está a pedir uma resposta minha.

A Gestalt-terapia, ciência e vida, técnica e arte, filosofia e postura, estava a pedir uma reflexão mais direcionada aos seus pressupostos e fundamentos.

Não foi fácil escrever este livro, cuja reflexão é apenas um re-flexo da coisa pensada e produzida, saindo de um ato criativo do autor, sujeito às limitações e imperfeições de quem produz pensando, induzindo, deduzindo, fazendo analogias.

Este livro é uma proposta de compreensão, não uma Bíblia; ele é um caminho, não uma chegada; ele é apenas um momento de criação, à espera do novo artista para corrigir, aperfeiçoar, embelezar a obra começada.

Ele é uma reflexão, não uma apresentação de métodos e técnicas.

É um prazer tê-lo terminado, é um prazer maior vê-lo manuseado em tuas mãos, na procura de saber em que o caminho percorrido tem a ver também com o teu, para que juntos possamos dar novos passos e criar novos caminhos e novos rumos para a Gestalt-terapia no Brasil.

Capítulo 1

A BUSCA DO SIGNIFICADO

Toda e qualquer forma de psicoterapia oculta e revela, ao mesmo tempo, uma teoria do homem. Ela procura através do ser humano, do seu pensar, do seu agir, induzir um sistema de comportamento. Forma um quadro, cria um sistema, uma estrutura que nos indicam as linhas mestras do modelo vivencial de cada um. Aquilo, entretanto, que é *decididamente* próprio de um homem, pode, feitas as devidas ressalvas, aplicar-se a outros homens. Neste sentido, o indivíduo é também um universal.

Ciência e conduta andam juntas desde os primórdios da humanidade. A ciência jamais teve a pretensão de analisar e compreender todos os homens para só então falar deles ou sobre eles. Através da análise paciente, constante e objetiva de momentos do homem, ela pode induzir leis que nos ajudam na compreensão dos demais seres. Desse modo, muito antes que a ciência formal existisse, já os homens executavam tarefas com a segurança que seus próprios pensamentos e sentidos lhes ditavam.

Podemos dizer que as coisas se autorrevelam, elas contêm um apelo interno de autorrevelação e de autorrealização: “a água diz: bebe-me”; “o fruto diz: come-me”; “a mulher diz: ame-me”. As coisas em si não se autocomplicam, elas simplesmente são e se exibem de modo cristalino.

A natureza, no entanto, é mais complexa do que aquilo que a simples informação direta e sensorial pode informar. Daí, o homem, seguindo o seu ritmo natural, passou a desenvolver uma forma mais sofisticada de atividade: o pensamento. O homem passou a duvidar da certeza imediata que as coisas lhe ofereciam. “O processo de pensar destruiu a unidade do mundo primitivo”, e com isto a ciência formal começa a se implantar. A ciência passa a disciplinar a percepção, a disciplinar os desejos, a exigir maior exatidão no estabelecimento e compreensão dos fatos. Já não se pode simplesmente fazer o que se quer, mas o que os fatos, a realidade pedem. A entrada na realidade das coisas de modo técnica e cientificamente previsto colocou o homem longe e, às vezes, à margem da realidade. O contato direto ficou condicionado.

Neste momento, todos os ramos do saber humano querem falar e opinar sobre uma mesma realidade. O ser humano passou a ser “propriedade” da física, da química, da filosofia, da psicologia. O homem cria as ciências que vão falar e agir sobre ele.

A partir de tal momento, abre-se uma grande discussão no campo da psicologia, como ciência que estuda o comportamento dos seres vivos, ou seja, a relação entre natureza animada e inanimada, entre natureza, vida e mente. O homem é todo ele um ser *de relação com*. Imerso no universo, tudo diz respeito a ele e com tudo ele se encontra em relação, consciente ou inconsciente.

As propostas tradicionais tanto do materialismo como do vitalismo e espiritualismo se mostraram insuficientes para clarear